

A virada histórica de Bakhtin e seus antecedentes soviéticos / *Bakhtin's Historical Turn and Its Soviet Antecedents*

Craig Brandist*

RESUMO

Baseado em trabalhos anteriores, o artigo oferece uma nova compreensão das ideias de Bakhtin sobre a estratificação e o desenvolvimento histórico da linguagem, apoiado em material de arquivo do Instituto para a História Comparativa das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente (ILIaZV), não publicado. O foco é o trabalho de Bakhtin do final dos anos 1930, quando ele desvia sua atenção da língua para o desenvolvimento histórico de imagens específicas, séries semânticas e estruturas de enredo. Bakhtin ainda manteve conexões próximas com o trabalho desenvolvido no ILIaZV, mas baseou seu trabalho em diferentes intelectuais, Aleksandr Vesselóvski (1838–1906) e Izrail Frank-Kamenetski (1880–1937), que se tornam influências importantes para ele, especialmente em relação a sua ideia sobre o modo como o ritual sincrético do Carnaval se torna um aspecto estruturador da literatura e em sua análise das estruturas de enredo e metáforas. O artigo oferece algumas informações sobre as assunções por trás das noções bakhtinianas de cronotopo e carnaval e a perspectiva de retomar essas noções, de modo que se tornem ferramentas úteis para pesquisa futura.

PALAVRAS-CHAVE: Estratificação linguística; Séries semânticas; Estruturas de enredo; Cronotopo; Carnaval

ABSTRACT

Based on previous work, the article provides a new understanding of Bakhtin's ideas on the stratification and historical development of language, drawing on unpublished archival materials of the Institute for the Comparative History of the Literatures and Languages of the West and East (ILIaZV). It focuses on Bakhtin's work from the late 1930s, when he shifts his attention from language to the historical development of specific images, semantic clusters, and plot structures. Bakhtin still maintained close connections with the work carried out at ILIaZV, but drew upon the work of different scholars, Aleksandr Veselovskii (1838–1906) and Izrail' Frank-Kamenetskii (1880–1937), who become important influences on Bakhtin, especially on his idea of carnival as syncretic pageantry as a structuring feature of literature and on his analysis of plot structures and metaphors. The article provides insight into the assumptions behind Bakhtin's notions of the chronotope and carnival and the prospect of re-grounding these notions, so that they become useful tools for future research.

KEYWORDS: *Language Stratification; Semantic Clusters; Plot Structures; Chronotope; Carnival*

* University of Sheffield, Sheffield, Reino Unido; c.s.brandist@sheffield.ac.uk

Ao longo dos últimos anos, estive trabalhando nos arquivos russos, verificando o trabalho desenvolvido nos institutos mais importantes que tratavam da linguagem, da literatura e da teoria cultural na década de 1920. De importância particular para a compreensão do trabalho do Círculo de Bakhtin em seu contexto histórico foram os arquivos do Instituto para a História Comparativa das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente (*Nauchno-issledovatel'skii institut sravnitel'noi istorii literatur i iazykov Zapada i Vostoka*, ILIaZV 1925, 30; anteriormente Instituto A. N. Vesselóvski (*Institut im. A.N. Veselovskogo* 1921, 25); depois Instituto Estatal de Cultura Discursiva (*Gosudarstvennyi institut rechevoi kul'tury*, GIRK 1930, 33), no qual Pável Medviédev e Valentín Volochínov trabalharam entre 1925 e 1932.

Em trabalho anterior, fiz um esboço a respeito do modo como as ideias de Bakhtin a respeito da estratificação social da linguagem e de seu desenvolvimento histórico se basearam em ideias elaboradas sobre o desenvolvimento da língua nacional russa no final dos anos 1920, no ILIaZV por, *inter alia*, Lev Iakubinski (1892–1945) (BRANDIST, 2003). Em seguida, mostrei como os trabalhos mais significativos de Volochínov e Medviédev, e a própria virada de Bakhtin em direção a considerações sociológicas e discursivas, estiveram relacionadas com o projeto coletivo para o desenvolvimento da poética sociológica no ILIaZV nos últimos anos da década de 1920 (BRANDIST, 2006).

Neste artigo, continuo essa linha de análise, mas indo além dos anos de 1920, quando o Círculo e o Instituto não mais existiam. Defenderei que, em seu trabalho dos últimos anos de 1930, quando ele se distancia da centralidade das questões linguísticas e desvia sua atenção para o desenvolvimento histórico de imagens específicas, séries semânticas e estruturas de enredo, Bakhtin ainda mantém ligações próximas com o trabalho que havia sido realizado no ILIaZV, mas dessa vez baseado no trabalho de um grupo de intelectuais diferentes, que se concentrava no estudo dessas mesmas questões.

1 Primeiros trabalhos de Bakhtin

Em suas primeiras obras sobre filosofia moral e estética filosófica, a preocupação de Bakhtin parece muito próxima àquela dos primeiros românticos alemães, que tinham renunciado à violência do terror que se seguira à Revolução

Francesa apoiada por eles, e tentado educar as pessoas a se comportar de um modo esclarecido. Da mesma forma, Bakhtin escreveu como um simpatizante da Revolução Russa, renunciando à violência e ao terror da Guerra Civil e buscando meios de tornar relevantes princípios éticos naquelas condições. Os primeiros românticos rejeitaram a orientação filisteia da ética utilitarista simultaneamente à ética kantiana racionalista unilateral, sob o argumento de que a primeira se conformava com as convenções morais em prol de uma vida fácil, enquanto a última forçava o indivíduo a agir contra suas inclinações, de acordo com estritas leis morais (BEISER, 2003, p.92–3). Em torno do início do séc. XX a mesma crítica também se encontrava em outra fonte bem diferente, a fenomenologia de Franz Brentano (1838–1917) e seus seguidores¹, e visava a liderar uma tentativa permanente que combinava algumas ideias dos românticos com o rigor analítico da fenomenologia ao longo da década de 1920. No texto fragmentário hoje conhecido como *Para uma filosofia do ato responsável* (2003 [1921–24]; 1993 [1921–24]; em português, 2010²), Bakhtin defende que nem os kantianos nem os seguidores da ética utilitária contribuíam para o desenvolvimento da individualidade e a obtenção da liberdade, já que não apenas a razão, mas também a própria intuição precisava ser cultivada. Um senso do dever se origina mais em nossas inclinações do que naquilo que lhe é oposto e, por isso, o cultivo dessas inclinações tem importância particular. Conquanto as fontes filosóficas de Bakhtin, que vão desde o neokantianismo, passando pela *Lebensphilosophie* até a fenomenologia não sejam certamente aquelas dos românticos, o envolvimento de Bakhtin com essas filosofias lembrava de perto aquele dos românticos com a filosofia de seu tempo.

Os românticos destacaram o papel da arte na educação moral da humanidade (*Bildung*). Os mitos e mistérios da religião, que moveram as emoções e a imaginação das pessoas, anteriormente tão poderosos e atraentes, assim como a igreja, foram desacreditados sistematicamente pelos intelectuais e propagandistas do Iluminismo. Mas o que também se perdeu, junto com a religião, foram as formas populares de orientação moral. Isso foi até mais pronunciado na Rússia, onde a liderança moral da

¹ Brentano (1889) foi o responsável por iniciar a tendência de estudos no pensamento ético que leva ao trabalho de Max Scheler's (1874–1928) sobre simpatia, no qual Bakhtin se inspirou fortemente em meados dos anos 1920. Sobre a dívida de Bakhtin a Scheler, ver Poole, 2001. Entretanto, nesse texto Poole exagera a excepcionalidade de Scheler e falha ao discutir as inovações de Brentano.

² N. T.: A referência completa da obra traduzida para o português: BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. [1920-1924]

igreja, tão estreitamente ligada ao estado czarista reacionário, estava, no início do séc. XIX, amplamente desacreditada. Em cada caso era a literatura vernacular, por meio da qual os intelectuais urbanos sentiam que mantinham um laço comum com a imaginação popular, que ocupava um lugar central. Assim, o fundador da crítica literária russa, Vissarion Belínski (1811–48), observou em 1846:

todos os nossos interesses morais, toda nossa vida espiritual até agora estão e estarão, ainda por um longo tempo, concentrados na literatura: ela é a fonte vital que permeia todos os sentimentos humanos dentro da sociedade (BELINSKY, 1962, p.9; nossa tradução³).

O sentimento de que tanto o escritor quanto o crítico tinham obrigações morais, preocupação de todos os intelectuais do séc. XIX, transformou-se no desenvolvimento do modernismo e da *avant-garde*, mas nunca desapareceu completamente da própria literatura russa, nem da intelectualidade literária. Dessa forma, no ensaio sobre *Guerra e paz*, de Tolstói, Nikolai, irmão de Bakhtin, escreveu num tom manifestamente aprovador sobre a “Russian approach to art” [Abordagem russa da arte], que claramente recapitulava aquela dos primeiros românticos alemães. A arte esforça-se para

invadir nosso ser, afetar nossos impulsos e nossas reações mais íntimas; dar forma à nossa sensibilidade; transformar e organizar nossa visão - e assim, finalmente, afetar nosso comportamento; resumindo, “ensina-nos como viver” (BACHTIN, 1963, p.26; nossa tradução⁴).

Em suas primeiras análises fenomenológicas do ato ético, Mikhail Bakhtin distinguiu um momento estético e chegou à conclusão de que a arte tem um papel moralmente educativo no cultivo de sentimentos e desejos, mais do que apenas do intelecto, e por isso desenvolve a sensibilidade individual. Bakhtin buscou a essência do estético, que ele encontrou numa fusão condicional com o outro antes que ele retornasse

³ N. T.: Não há tradução para o português do texto de Belínski até o momento. No inglês: “all our moral interests, all our spiritual life have hitherto been and will, still for a long time to come, be concentrated in literature: it is the vital spring from which all human sentiments percolate into society” (BELINSKY, 1962, p.9).

⁴ N. T.: Não há tradução para o português do texto de Bachtin até o momento. No inglês: “to pervade our being, to affect our impulses and our most intimate reactions; to shape our sensibility; to transform and organize our vision—and thus ultimately to affect our behaviour; ‘to teach us how to live’ in short” (BACHTIN, 1963, p.26).

para sua própria posição única a partir da qual o outro lhe dá forma e acabamento. Em O autor e a personagem na atividade estética (BAKHTIN, 2003 [1924–27]; 1990 [1924–27]; 2006, p.3-192, em português), isso se tornou a alegação de que é por meio da adoção de uma modalidade apropriada das relações entre autor-herói que o trabalho de arte literária pode encorajar a espontaneidade de pensamento, desenvolver a sensibilidade da pessoa e levá-la a agir de acordo com a razão. Essa razão ética é jurisprudencial, pois nos ensina a observar o indivíduo unicamente como o portador de direitos e responsabilidades. Ela faz isso não por meio de argumentação, mas por meio de inspiração e estímulo à imaginação. A arte literária que não é excessivamente doutrinária, livre de coerções externas e construída apenas de acordo com a natureza inerente (A “forma interna” do trabalho de Goethe), pode auxiliar a cultivar nossos sentidos, refinar, enobrecer e sublimar nossos desejos e sentimentos em relação às demandas da vida ética⁵. Mas a arte é sempre ética, e para ser verdadeira em relação à sua natureza inerente, o autor necessita, asseverar responsabilidade autoral⁶.

2 Poética sociológica

Tal era a força ética nos primeiros trabalhos de Bakhtin, investigações estáticas na essência da atividade estética. Mas alguma coisa importante começou a se alterar quando dois membros do assim chamado Círculo de Bakhtin, Pável Medviédev e Valentín Volochínov, começaram a trabalhar num projeto para desenvolver uma nova poética sociológica no ILIaZV, em meados dos anos 1920⁷. O plano de 1925–6 de Volochínov para um livro sobre essa questão, que publiquei recentemente, mostra a agenda do projeto naquela época, e aqui não temos apenas instruções de uma proposta de pesquisa que resultou em *A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da*

⁵ A ideia de “forma interna” do trabalho foi trazida à atenção dos intelectuais da literatura russa pelo estudioso alemão de literatura Oskar Walzel (1864–1944), que manteve uma relação próxima com Víktor Zhirmunski e com um líder defensor da “poética sociológica”, Pável Sakulín (1868–1930), e que visitou a Rússia no final dos anos 1920. O ensaio de Walzel sobre a questão, de 1918, apareceu em tradução russa em 1928 (Val’tsel’ 1928).

⁶ Compare a caracterização dos dois “pecados capitais” da arte e Nikolai Bakhtin em Bakhtin (1963, p.26–7).

⁷ Quanto a este projeto, ver Brandist, 2008.

Nota do Editor: ver a contribuição de Medviédev, Medviédva e Shepherd neste número.

poética sociológica (2011, p.145-181)⁸ e *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem⁹, de Volochínov, e a obra de Medviédev *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica¹⁰, mas muito da agenda que Bakhtin seguiu ao longo dos anos de 1930 (VOLOSHINOV, 2008). Particularmente, ela relata o estudo da evolução dos gêneros poéticos e novelísticos a partir de uma perspectiva sociológica e o objetivo de ultrapassar a separação entre a poética teórica e histórica. Se o texto de Bakhtin de 1929 - *Problemas da obra de Dostoiévski*¹¹ - representa sua tentativa de traduzir as primeiras abordagens fenomenológicas em termos sociológicos e discursivos no modelo do projeto de uma poética sociológica, ele era ainda incipientemente histórico, com apenas alguns poucos comentários sobre a arquitetônica do romance de Dostoiévski, como resultado da súbita invasão do capitalismo no pano de fundo da estrutura social histórica da Rússia (BAKHTIN, 1929). À medida que o estudo vai se desenvolvendo, a antiga análise estática começa a dominar, como uma busca por uma (dia)logi[c]a geral por trás do trabalho de Dostoiévski, e a modalidade autor-herói se afirma a si mesma em prejuízo de um tratamento sistemático da estrutura do enredo. Este é tratado meramente como um meio empregado de maneira mais ou menos arbitrária para gerar a interação intersubjetiva na forma discursiva, a que Bakhtin chama de diálogo. A reorientação sociológica de Bakhtin permitiu realmente a seus amigos facilitar a publicação de seu livro pelo ILIaZV, na mesma série de monografias dos trabalhos publicadas por eles em relação à questão. Simplesmente, porém, não temos informação sobre a assistência efetiva de Bakhtin aos seminários de pesquisa no ILIaZV. A presença em tais eventos não era registrada e, em consequência, não pode ser encontrada nos arquivos; mas parece certo que ele recebeu relatos verbais de Volochínov e Medviédev e, mais

⁸ N. T.: A referência completa da obra traduzida para o português: VOLOCHÍNOV, V (BAKHTIN, M.). A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. IN: BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. Organização aos cuidados de Valdemir Miotello. Traduzido e revisado por Allan Tadeu Pugliese et al. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011, p.145-181.

⁹ N. T.: A referência completa da obra traduzida para o português: BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

¹⁰ N. T.: A referência completa da obra traduzida para o português: MEDVIÉDVEV, P. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

¹¹ N. T.: A referência completa da obra traduzida para o português: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5 ed. revista. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

provavelmente, seguiu o trabalho lá desenvolvido e publicado no periódico do Instituto *Iazyk i literatura (Língua e Literatura)* e em outros lugares.

3 Aleksander Vesselóvski: entre o positivismo e o Romantismo

Entretanto, é somente no final dos anos 1930 que o impacto do principal trabalho histórico desenvolvido no ILIaZV começa a ser sentido na obra de Bakhtin, quando as questões de diálogo começam a ceder caminho para um tipo mais histórico de estudo literário no qual a construção do enredo vem para primeiro plano. O ponto alto dessa tendência começa em torno de 1938, centenário de nascimento de Aleksandr Vesselóvski (1838–1906), quando a imprensa literária soviética se encheu de apreciações sobre o intelectual que inicialmente havia dado nome ao ILIaZV. Entre as avaliações do centenário estava um trecho escrito por Vasili Desnitski (1878–1958), supervisor de Volochínov no ILIaZV, que lamentava o fechamento prematuro do Instituto em 1933, por “privar jovens historiadores de literatura de estudar no espírito de Vesselóvski, numa atmosfera que reconhecia a natureza internacional da literatura, as múltiplas ligações entre as literaturas nacionais e as ligações próximas entre língua e literatura” (DESNITSKII, 1938, p.71; nossa tradução)¹². Os estudos históricos de literatura no ILIaZV foram vistos como uma tentativa de atualizar o enfoque de Vesselóvski rumo a uma nova agenda sociológica, particularmente de acordo com as teorias crescentes de formações sociais sucessivas que estavam sendo desenvolvidas na historiografia soviética e na sociologia¹³.

Vesselóvski defendia que literatura e linguística surgiram juntas num antigo sincretismo, que ele definiu como “a combinação do movimento rítmico e orquestrado com palavras e elementos da música cantada” (VESELOVSKII, 2004 [1899], p.201; nossa tradução)¹⁴. Vesselóvski desenvolveu essa ideia a partir do Romantismo alemão e a *Volkerpsychologie*, especialmente a partir do poeta romântico Ludwig Uhland (1787–1862), mas também aproveitou ideias de convívio comunitário encontrada em fontes como a do antropólogo americano Lewis Morgan (1818–1881), o sociólogo russo

¹² N. T.: Não há tradução para o português desse texto até o momento.

¹³ Para um excelente panorama, ver Podol', 2008.

¹⁴ N. T.: Não há tradução para o português desse texto até o momento.

Maxim Kovalevski (1851–1916) e o jurista suíço e antropólogo Johann Bachofen (1815–1887). Inspirando-se na tese então popular desenvolvida em *Arbeit und Rhythmus* [Trabalho e ritmo] (1896) pelo economista alemão e musicólogo Karl Bücher (1847–1930), Vesselóvski defendia que a aparência de “jogos sonoros” respondia à necessidade de liberação da “energia física e psíquica acumulada por meio de sons e movimentos ritmicamente organizados” (VESELOVSKII, 2004 [1899], p.201¹⁵)¹⁶. Essa organização rítmica de canto coral crescia no jogo e na dança que o incorporava, o que Vesselóvski chamou de “catársis psicofísica”. Nesse momento o elemento verbal era incidental e quase sem conteúdo, já que os fatores emocionais predominavam. Daí seguia uma desintegração gradual da massa coral, com a emergência de um solista e o desenvolvimento de um diálogo entre solista e coro. Nesse momento a poesia surge e, simultaneamente, uma linguagem mais elaborada, já que ocorrem a diferenciação das relações sociais e de interesses materiais, aumentando a importância do conteúdo das palavras, exigindo palavras com significados claramente definidos e uma forma sofisticada de sintaxe. (VESELOVSKII, 2004 [1899], p.130–53)¹⁷.

Se a influência do Romantismo é razoavelmente incontroversa nos estudos de Bakhtin¹⁸ - e a ideia bakhtiniana de carnaval como ritual sincrético que se torna um aspecto estruturante da literatura quase certamente se origina em Vesselóvski -, a influência do positivismo não é. Realmente, era *de rigueur* rejeitar o positivismo na URSS, onde era tratado como algo análogo a fetiche, por coletar fatos a partir de interesses próprios e impor um determinismo natural vulgar aos fenômenos sociais. Entretanto, o positivismo é muito mais complexo, e sua influência na área que estamos discutindo aqui é muito mais importante do que geralmente reconhecido. A explicação de Auguste Comte (1798–1857) sobre os três estágios de evolução da compreensão da natureza e da sociedade, desde as primeiras explanações “fetichistas”, baseava-se em alguns fatos ligados por causas teológicas e místicas, através de explicações metafísicas em que mais fatos são ligados por meio de abstrações personificadas, até o isolamento

¹⁵ N. T.: Ver nota de rodapé 14.

¹⁶ Uma tradução russa do livro de Bücher apareceu em 1899 e de novo em 1923 (BIUKHER, 1923). Para discussões recentes sobre a relevância do trabalho de Bücher, ver Backhaus, 2000) e Meyer-Kalkus, 2007.

¹⁷ Ver também Engel’Gardt, *Aleksandr Nikolaevich Veselovskii*, pp.130–53. Compare também a discussão sobre a unidade inicial de ritmo na fala sonora e movimento a partir do qual formas distintas emergiram no processo de evolução, Spencer, 1867.

¹⁸ Ver, por exemplo, Tihanov (1997).

das leis positivas que governam os fenômenos permeou o período pré-soviético e o início do pensamento soviético (COMTE, 1973 [1855])¹⁹ ²⁰. Além disso, hoje se reconhece que Bakhtin foi fortemente influenciado pelo neokantismo de Marburg. Mas era um refrão constante dos sociólogos que vinham da rival escola de neokantianos de Baden que os de Marburg estavam traduzindo o esquema positivista em termos de idealismo crítico por meio de sua “busca de uma lógica geral para as ciências exatas e históricas” (ROSE, 1981, p.21–22; tradução nossa²¹). Como já defendi em outro texto (BRANDIST, 2000), isso deixa para trás a discussão bakhtiniana sobre o mono-lógico e o dia-lógico que fundamenta cada reino da ciência respectivamente. A diferença com o positivismo “clássico” era que, no esquema de Marburg, a simples possibilidade de conhecimento do mundo empírico precisava ser abandonada em favor de uma nova metafísica, de acordo com a qual o mundo conhecido era um produto das categorias internas de pensamento. Desse modo, o encontro das ideias de Bakhtin com o positivismo disfarçado de teoria cultural da evolução não é tão difícil de imaginar. Na URSS dos anos 1930, isso envolvia a incorporação de aspectos importantes tomados do trabalho do filósofo da evolução social Herbert Spencer (1820–1903) e do antropólogo da evolução Edward B. Tylor (1832–1917), a unidade psíquica de todas as pessoas, e a assim chamada “doutrina dos sobreviventes”, de acordo com a qual a análise das formas culturais sobreviventes ou as relíquias do passado poderiam ajudar a reconstruir o desenvolvimento da mente e a cultura da humanidade²².

Vesselóvski foi o mais importante canal pré-revolucionário para as ideias do antropólogo social britânico positivista das humanidades na Rússia. Essa influência originou-se do modo como ele empregava o método comparativo no estudo da literatura universal com uma profundidade e amplitude sem rival, empregando grande erudição e perspicácia²³. Ele procurou estudar séries de fatos literários, estabelecer relações de consequência entre eles, deduzir conformidades a princípios regulares, considerar se tais

¹⁹ N. T.: Em português essa obra foi publicada como o *Curso de filosofia positiva*. Referência: COMTE, A. *Curso de filosofia positiva*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

²⁰ Ver também Schmaus, 1982.

²¹ N. T.: Não há tradução para o português desse texto até o momento. No original: “search for a general logic for the exact or historical sciences” (ROSE, 1981, pp.21–22).

²² A doutrina foi originalmente proposta por Tylor (1871), e apareceu na tradução russa no ano seguinte. Sobre o desenvolvimento dessa doutrina e método ver Hodgen, 1931 e 1933 e Stocking, 1987, pp.164–79 et passim.

²³ Ver sua caracterização do método comparativo: Veselovskii, 2004 [1870], p.47. Ver também Engel’Gardt, 1924, pp.52–64; Zhirmunskii, 1938; Zhirmunskii, 1939.

princípios eram causais e, por meio de verificações acumuladas chegar a “generalizações formuladas” para “abordar a exatidão de uma lei” (VESELOVSKII, 2004 [1870], p.47). Acompanhando de perto o trabalho do folclorista britânico Andrew Lang (1844–1912), Vesselóvski viu a doutrina dos sobreviventes de Tylor como a base para um tipo de sequência evolutiva de gêneros da mitologia, passando pelo folclore até as formações literárias desenvolvidas (STOCKING, 1995, p.52)²⁴. Desse modo, Vesselóvski divergia dos estudiosos do indo-europeu que limitavam o método comparativo ao estudo de pessoas cuja origem comum era suspeitada, a fim de descobrir ancestrais comuns que falassem uma proto-língua e compartilhassem a mesma mitologia. Em vez disso, ele adotou o ditado de Lang: “condições similares de mente produzem práticas similares, independentemente de identidade de raça, ou empréstimo de ideias e modos” (LANG, 1904 [1884], p.22; tradução nossa²⁵). Isso iria exercer uma influência poderosa nos estudos linguísticos e literários depois de 1917. Dessa forma, gêneros e linhas de enredo eram traçados até suas origens até se tornarem objetos de etnografia geral, que Vesselóvski, assim como Tylor e Lang, viam como surgindo em lugares variados como resultado de condições similares. Como o membro ocasional do Círculo de Bakhtin, Boris Engel’gardt (1887–1942), defendeu em seu estudo de 1924 sobre a obra de Vesselóvski, a “eliminação das influências literárias”, isto é, a difusão, era uma “precondição necessária para a análise dos fatos literários do ponto de vista de sua organicidade” (ENGEL’GARDT, 1924, p.131²⁶). Para Vesselóvski, assim como para Lang, “assegurando que o mito é um produto da fantasia humana primitiva, que trabalha com o conhecimento mais rudimentar do mundo externo, o estudante do folclore pensa que diferenças de raça não afetam muito a primitiva faculdade mitopoética” (LANG 1904 [1884], p.23; tradução nossa²⁷). Se Lang representou a mais

²⁴ Ver também Montenyohl, 1988. Vesselóvski foi particularmente influenciado pelo capítulo sobre “O método do folclore” em Lang, 1904 [1884], p.10-28 e sua obra em dois volumes (1899). Sobre isso ver Zhirmunskii, 1938, pp.52–53.

²⁵ N. T.: Não há tradução para o português desse texto até o momento. No original: “similar conditions of mind produce similar practices, apart from identity of race, or borrowing of ideas and manners” (LANG, 1904 [1884], p.22).

²⁶ N. T.: Não há tradução para o português desse texto até o momento. No original: “necessary precondition for the analysis of literary facts from the point of view of their organicity” (ENGEL’GARDT, 1924, p.131).

²⁷ N. T.: Não há tradução para o português desse texto até o momento. No original: “[h]olding that myth is a product of the early human fancy, working on the most rudimentary knowledge of the outer world, the student of folklore thinks that differences of race do not much affect the early mythopoetic faculty” (LANG 1904 [1884], p.23)

poderosa e determinada oposição ao trabalho racialmente exclusivo da filologia indo-europeia na Grã-Bretanha, especialmente dirigido contra o trabalho do filólogo e orientalista Max Müller (1823–1900), Vesselóvski foi o centro dessa posição na Rússia²⁸.

4 Paleontologia semântica

A recepção do trabalho de Vesselóvski no ILIaZV foi penetrante e profunda, pois alguns dos membros líderes da faculdade tinham sido alunos de Vesselóvski, incluindo Víktor Zhirmunski (1891–1917), Vladimir Sismarev (1875–1957) e Nikolai Marr (1864/5–1934).²⁹ Todas essas figuras adotaram o método comparativo-histórico, mas, por volta do final da década, era a versão desenvolvida por Marr que se tornou particularmente influente. Marr desenvolveu o método comparativo de modo notório nos estudos do que ele chamou de “um único processo glotológico”. De acordo com Marr, todas as línguas se desenvolvem da pluralidade para a unidade, em estágios que correspondem a certas etapas no desenvolvimento da consciência coletiva e no desenvolvimento das forças e relações de produção³⁰. Fundamental para o pensamento de Marr sobre o estágio mais antigo, o estágio “difuso” da língua e do pensamento era a ideia do pensamento mítico como definido por outro pensador positivista - de fato, um discípulo do próprio Comte - Lucien Lévy-Bruhl (1857–1939). Em seu livro de 1910,

²⁸ Sobre o debate entre evolucionistas e mitologistas, exemplificado na obra de Müller e Lang, ver Dorson, 1968.

²⁹ Nas últimas fases da vida, Bakhtin alegou que tinha conhecido Sismarev, a quem claramente devotava respeito considerável. Sobre essa questão, ver Bekhin e Duvakin (BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos: Pedro e João editores, 2008, p.67). A influência de Sismarev nos últimos trabalhos de Bakhtin nunca foi submetida a um estudo sistemático, embora a questão do conhecimento da obra de Sismarev sobre Rabelais tenha sido discutida por POPOVA, 2006, p.98–9. Medviédev e Volóchinov certamente trabalharam próximos a Sismarev no ILIaZV nos anos finais da década de 1920 (TsGALI - Tsentral'nyi gosudarstvennyi arkhiv literatury i iskusstva [Arquivo Estatal Central de Literatura e Arte] 288/1/39/7ob; 288/1/29/92). Medviédev considerava Zhirmunski como um dos pensadores mais próximos de seu próprio enfoque sobre a literatura; a esse respeito, ver Medviédev, 1992, p.92. Sobre as complexas relações entre as ideias de Volóchinov e Marr, ver Lähteenmäki e Vasil'ev, 2005. Sobre a atitude de Bakhtin em relação a Marr, ver Bakhtin, 1999, p.89; mas o nível em que Bakhtin realmente estava familiarizado com o próprio trabalho de Marr, mais do que com aqueles dos marristas que estudaram literatura não é clara.

N. T.: Os textos de Popova, 2006, Medviédev, 1992, Lähteenmäki e Vasil'ev, 2005 e Bakhtin, 1999 ainda não foram traduzidos para português, por isso mantivemos as referências aos textos originais em russo.

³⁰ Isso caracteriza as ideias de Marr por volta de 1923. Há uma grande quantidade de material secundário sobre as ideias de Marr, especialmente em russo. Entre as mais confiáveis e disponíveis prontamente estão Thomas, 1957; Alpatov, 2004; Seriot, 2005; e Velmezova, 2007.

Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures [As funções mentais nas sociedades inferiores], Lévy-Bruhl defende que as primeiras formas de pensamento são indiferentes à contradição lógica e que, em vez disso, o pensamento social é governado pela assim denominada “lei de participação”, na qual concepções compartilhadas são dirigidas pelo sentimento e pela atividade corporal³¹. A nova narrativa agora era de homens que se libertavam dos elos do pensamento mítico por meio do desenvolvimento de novas formas de organização social e raciocínio lógico, o que, em contrapartida, deu origem às formas características daquilo que Emile Durkheim (1858–1917) denominou “representações coletivas”. No trabalho de Marr, isso envolveu o surgimento de unidades semânticas e estruturas sintáticas mais adequadas a partir das “difusas” formas de sociedades primitivas.

Marr assimilou essas ideias num quadro evolutivo sob a forma, sobretudo, do trabalho de Herbert Spencer, a quem via talvez como a influência mais importante em seu desenvolvimento intelectual (MARR, 1935, p.127)³². Na volumosa obra de Spencer *System of Philosophy* [Sistema de filosofia], mais particularmente em seu *First Principles of a New System of Philosophy* [Primeiros princípios de um novo sistema de filosofia] (1862) and *Principles of Sociology* [Princípios de sociologia] (1874–75; ampliado em 1876, 1885), já se encontram vários aspectos que se tornariam parte das últimas concepções de Marr, como o da primitiva “indefinição” da linguagem inicial e sua correlação com as formas de pensamento que Lévy-Bruhl iria considerar como caracteristicamente “míticas”, e a relação entre o desenvolvimento da linguagem, pensamento e a evolução das funções sociais³³. Articulando essas ideias à doutrina dos sobreviventes, Marr asseverava que o pesquisador poderia submeter os fenômenos linguísticos à análise paleontológica e descobrir os estágios mais antigos de linguagem e pensamento, alcançando finalmente os nomes dos totens primordiais. O que quer que se possa pensar sobre a obra linguística de Marr, o fato é que o próprio método desenvolvido por ele vai dos estudos evolutivos para a semântica do mito e o folclore;

³¹ Sobre a dívida de Lévy-Bruhl a Comte, ver SCHMAUS, 1996. O livro de Lévy-Bruhl foi traduzido para o inglês (1926) e para o russo, com uma introdução de Marr (LEVI-BRIUL, 1930)

³² Infelizmente não há uma análise que sustente a influência de Spencer sobre Marr, mas há algumas observações pertinentes realizadas por Desnitskaia, 1951, p.48–50 e Velmezova, 2007, p.205–11. No mesmo esboço autobiográfico, Marr menciona como outras influências em sua carreira o reformador escocês Samuel Smiles (1812–1904), que escreveu um livro exaltando as virtudes da autoajuda.

³³ Ver, por exemplo, Spencer, 1904, vol.1, p.335–41, p.354–9, p.430.

então quando os intelectuais começaram a adotar as categorias marxistas na análise literária, elas frequentemente se mostraram bem produtivas.

Quanto a esses estudos, em primeiro lugar, esteve Izrail Frank-Kamenetski (1880–1937), um especialista na antiga religião egípcia e na poética da Bíblia, que liderava o “grupo para o estudo dos mitos e dos enredos literários” no Instituto Jafético (*Jafeticheskii institut* de 1921–1929; posteriormente Instituto de Linguagem e Pensamento de N. Ia. Marr, *Institut iazyka i myshleniia im. N.Ia. Marra* 1929–1950), e o “grupo para a palentologia dos enredos e elementos literários” no ILIaZV. Frank-Kamenetski tinha estudado a filosofia e a história do mundo antigo na Alemanha com Wilhelm Wundt (1832–1920), Karl Bücher and Eduard Meyer (1855–1930), entre outros, antes de se dedicar aos estudos egípcios, árabes e hebraicos com, entre outros, o fundador dos estudos críticos alemães sobre a Bíblia, Julius Wellhausen (1844–1918)³⁴. De Wellhausen, Frank-Kamenetski adotou um enfoque dos estudos bíblicos que era rigorosamente científico e textologicamente meticuloso. Isso levou Wellhausen a discutir que o Torah ou Pentateuco tinham suas origens em quatro textos independentes que datavam de vários séculos depois de Moisés, seu autor tradicional, e que tinham sido editados juntos³⁵. Ao invés de um texto unitário, Wellhausen revelou não apenas que consistia numa estrutura montada, mas que camadas tinham sido juntadas mais tarde na medida em que a doutrina religiosa evoluiu do animismo para o politeísmo e o monoteísmo. Isso encorajou Frank-Kamenetski a desenvolver uma abordagem que tratava os heróis das histórias bíblicas não como personagens históricas, mas personificações e instâncias das forças cósmicas universais. Essa determinação para colocar a Bíblia numa perspectiva mais ampla foi encorajada por Meyer, que afirmava que as “religiões universais”³⁶, que “defendiam ser o mundo religioso”³⁷, eram “tão entrelaçadas em seu desenvolvimento... que somente considerações completas que observassem cada uma igualmente permitiriam uma compreensão plena de sua

³⁴ Informações biográficas baseadas em material da pasta pessoal de Frank-Kamenetski no arquivo do Instituto de Linguagem e Pensamento (PFA RAN, f.77, op.5, d.142ll., pp.13–15) e documentos guardados no mesmo fundo (PFA RAN (SPb) 77/1 (1937) /22) –Ver nota de rodapé 36.

³⁵ Ver especialmente Wellhausen, 1883, tradução em inglês (1885). A tradução russa foi feita por N. M. Nikolski (1877–1959), talvez o fundador dos estudos críticos bíblicos na Rússia (VEL’GAUZEN, 1909). Entre as apreciações da obra de Wellhausen, ver Irwin, 1944; Wikgren, 1944; Momigliano, 1982.

³⁶ N. T.: O texto de Tenbruch (1987) ainda não foi publicado em língua portuguesa. No original em inglês: “universal religions” (apud TENBRUCH, 1987, p.244).

³⁷ No original em inglês: “claim to be world religions” (apud TENBRUCH, 1987, p.244).

história”³⁸ (*apud* TENBRUCH, 1987, p.244; tradução nossa). Para Meyer, como para Frank-Kamenetski, tal estudo leva a uma “teoria das formas gerais da vida e desenvolvimento humanos”³⁹ (*apud* TENBRUCH, 1987, p.245; tradução nossa).

Quando Frank-Kamenetski encontrou o marrismo em 1922, viu nele uma base para a generalização dos estudos bíblicos críticos que poderia levar a uma teoria geral do desenvolvimento da religião e da narrativa literária em geral. Em retrospecto, ele defendeu que “a teoria de Marr de um único processo glotológico”⁴⁰ colocava uma nova tarefa para aqueles que estudavam a metáfora e o enredo: “o problema da derivação e transformação dos motivos folclóricos relativos às mudanças dos estágios sucessivos de desenvolvimento da sociedade e da visão de mundo”⁴¹ (PFA RAN, 77/1 (1934) /21/64). Uma das primeiras tentativas de provar a tese foi o artigo de 1925 de Frank-Kamenetski, publicado no periódico de Marr do Instituto Jafético, no qual os mesmos motivos de enredo eram revelados em histórias egípcias antigas e em contos folclóricos da Geórgia (FRANK-KAMENETSKII, 1925). Nesse texto ele excluiu sistematicamente a possibilidade do que chamou “empréstimo mecânico” e distinguiu um substrato comum de concepções míticas de onde os enredos haviam surgido. Enquanto as especificidades de uma cultura nacional deveriam ser reconhecidas, elas agora deviam ser vistas como o resultado do desenvolvimento histórico, com cada cultura “passando através dos mesmos estágios, mas complexificado em cada região particular pelas condições específicas de espaço e tempo, e autenticamente completados por meio de interações e influências” (FRANK-KAMENETSKII, 1935, p.113; tradução nossa⁴²). A experiência de Frank-Kamenetski nos estudos críticos bíblicos fizeram-no resistente às extravagâncias das fantásticas e frequentes extrapolações de Marr a partir de intuições constantes bem perceptivas, e o foco anterior nas formas de narrativa de preferência às

³⁸ No original em inglês: “so intertwined in their development... that only an overall consideration that holds each in equal regard allows a full understanding of their history” (*apud* TENBRUCH, 1987, p.244).

³⁹ No original em inglês: “theory of general forms of human life and human development” (*apud* TENBRUCH, 1987, p.245).

⁴⁰ N. T.: Os arquivos referidos por Craig Brandist do artigo da Academia de Ciências da Rússia, São Petersburgo (Sankt-Peterburgskii Filial Arkhiva Rossiiskoi Akademii Nauk – PFA RAN) não foram traduzidos para português. Na versão em inglês: “Marr’s theory of the single glottogonic process” (PFA RAN , 77/1 (1934) /21/64).

⁴¹ Na versão em inglês: “the problem of the derivation and transformation of folkloric motifs from the shifts of successive stages of development of society and worldview” (PFA RAN , 77/1 (1934) /21/64).

⁴² N. T.: O texto de Frank-Kamenetski (1935) está em russo. Na versão em inglês: “passing through the same stages, but complicated in each particular region by the specific conditions of space and time and authentically completed through interactions and influences” (FRANK-KAMENETSKII, 1935, p.113).

unidades léxicas tenderam a providenciar material mais produtivo para considerações da unidade psíquica. Já no final dos anos 1920, alguns trabalhos fascinantes descobriram a presença de paralelos profundos de enredo e metáfora em fenômenos literários largamente dispersos, culminando, em 1932, com a análise do romance feudal *Tristão e Isolda*, no qual uma série de pesquisadores do ILLaZV e do Instituto de Linguagem e Pensamento isolou e analisou paralelos de enredo e metáfora entre o romance feudal e uma ampla variedade de mitos primitivos e folclore do mundo clássico, do Cáucaso e do Oriente antigo (MARR, 1932).

A obra de Frank-Kamenetski frequentemente parece ser uma tentativa de fornecer uma explicação alternativa da *mythopoesis* (*mifotvorchestvo*) e o desenvolvimento subsequente das metáforas para aquela de Max Müller. No artigo de 1929, Frank-Kamenetski argumentou que Müller estivera na trilha certa ao defender a ligação íntima entre linguagem e mito, mas que tinha invertido os fatores primários e secundários, vendo o mito como uma doença da língua no lugar de buscar as origens da língua nas categorias do pensamento mítico⁴³. Müller e Ernst Cassirer (1874–1945) estavam entre os teóricos do mito cujos trabalhos foram submetidos a estudo sistemático pelo “grupo para o estudo dos mitos e dos enredos literários” no Instituto Jafético em janeiro de 1926⁴⁴. O pensamento de Frank-Kamenetski está intimamente relacionado com os estágios positivistas da narrativa que governa a abordagem de seus predecessores evolucionistas, como Lang, mas, como o projeto anterior sugere, estava mais intimamente ligado à semântica do que qualquer outro teórico do mito o fizera até então, desde Müller. Para Frank-Kamenetski, a *mythopoesis* era o resultado direto de uma percepção primitiva do homem, que dividia o mundo em três reinos: os céus, a terra, e o espaço de trânsito entre eles. A partilha de ligações espaço-temporais deu surgimento a oposições binárias marcadas, tais como luz e sombra, acima e embaixo, esquerda e direita. Essa percepção foi inicialmente governada pelo sincretismo ou pela dispersividade, a lei da identidade entre a parte e o todo, que permitia a substituição do todo e qualquer uma de suas partes, e levava ao desenvolvimento de modos fantásticos de consciência. Isso porque a isolação de noções e aspectos concretos, a separação do

⁴³ Interessante que a acusação de que Müller e seus colegas tinham revertido os elementos primários e secundários em suas análises foi feita por Spencer, 1904, pp.818–37.

⁴⁴ O grupo era constituído, *inter alia*, por Frank-Kamenetski, Ivan Meshchaninov (1883–1967) e Sismarev (PFA RAN 77/1/35/5). Ver nota 36.

existente e do não-existente, e a própria cognição desses aspectos eram impossíveis ao homem primitivo que permanecia passivo diante das forças naturais. Essas capacidades se desenvolveram em conexão com o processo de organização do trabalho humano de acordo com um ritmo único, o que leva à formação de uma corrente de impressões única e regulada⁴⁵. Isso forneceu a pré-condição para o isolamento e a cognição de fenômenos da experiência interna e externa. O isolamento adicional de fenômenos distintos progride com o desenvolvimento da cultura material, que o pesquisador deveria ligar com o desenvolvimento das categorias linguísticas.

Em 1929, Frank-Kamenetski publicou um longo artigo no qual defendia que, trabalhando com diferentes materiais, mas aderindo a um paradigma de desenvolvimento comum, a teoria jafética e *A filosofia das formas simbólicas* de Ernst Cassirer⁴⁶ complementavam-se mutuamente, provendo um relato do modo como a língua e o pensamento se libertam do mito primordial no qual estavam originalmente unidos (FRANK-KAMENETSKII, 1929). Onde Cassirer, como um idealista, tentava fornecer uma caracterização completa do pensamento mítico, Frank-Kamenetski defendia que a teoria jafética mantinha-se enraizada na análise de dados linguísticos, cultura material e textos específicos. Nos anos seguintes, Frank-Kamenetski, Olga Freidenberg (1890–1955) e outros publicaram algumas significativas contribuições bem sucedidas nos estudos literários voltando, através da paleontologia semântica de Marr, às suas raízes antropológicas, mas agora correlacionando a teoria dos estágios com as formações sociais sucessivas enraizadas no desenvolvimento econômico, o que começava a dominar a sociologia e a história soviéticas. Entre as contribuições mais importantes, deve-se mencionar o longo artigo de Frank-Kamenetski de 1935 (FRANK-KAMENETSKII, 1935b) sobre o desenvolvimento da metáfora poética e o livro sobre o desenvolvimento da metáfora poética de 1936 de Freidenberg, *The Poetics of Plot and Genre* [A poética do enredo e do gênero] (FREIDENBERG, 1936), no qual conclusões

⁴⁵ Essa ideia tem origem em na teoria do trabalho da origem da língua de Ludwig Noiré's (1829–89), que tinha sido patrocinada por Georgii Plekhanov (1856–1918) e Aleksandr Bogdanov (1873–1928), antes da Revolução, e fora entusiasticamente incorporada ao marrismo nos anos de 1920. O texto mais importante é de Noiré (1880), traduzido para o russo como Nuare (1925). Extratos traduzidos também foram publicados em Plotnikov, 1925. Em inglês, ver Noiré, 1917.

⁴⁶ N. T.: Ver: CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas*. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

teóricas sobre a teoria da narrativa foram elaboradas⁴⁷. Sabemos que Bakhtin estava familiarizado com essa fonte⁴⁸. Mas, a essa altura, a nova poética histórica estava sendo adotada até pelos antigos simpatizantes dos formalistas Zhirmunski, que defendia que o ensino de Marr sobre a unidade do processo glotológico era “uma das mais significativas contribuições do pensamento científico soviético” (ZHIRMUNSKII, 1936, p.383⁴⁹). Isso mostra que os estudos literários devem se elevar acima do nacionalismo e postular a unidade do processo literário.

O método comparativo, compreendido não como uma metodologia separada mas como um método de investigação, ocupará um lugar muito importante na história geral e na história da arte. A comparação devia servir como um elemento para verificação da regularidade dos fenômenos literários que correspondem a certos estágios do desenvolvimento social (ZHIRMUNSKII, 1936, p.390).

As conclusões metodológicas eram que as similaridades de ordem mais geral - aquelas dos gêneros, estilos, princípios estéticos e tendências ideológicas - poderiam ser devidas a condições socio-históricas idênticas. Em todo caso, todas as influências são condicionadas orgânica e socialmente, já que, para que um aspecto se tornasse influente, devia haver uma exigência anterior para uma importação ideológica, uma pré-existência de tendências análogas. Todas as influências literárias implicavam adaptações mais ou menos consistentes do modelo às peculiaridades locais do desenvolvimento social e demandas locais da classe social mais importante em suas práticas sociais.

O breve panorama do desenvolvimento da poética histórica entre os teóricos da literatura de Leningrado entre os anos 1920 e 1930 fornece-nos alguns indicadores importantes de como o trabalho de Bakhtin do final da década de 1930 se desenvolveu, e uma das razões por que ele se mantém diferente das perspectivas desenvolvidas pelos teóricos da literatura de Moscou, como Georg Lukács (1885–1971)⁵⁰. Bakhtin passa a desenvolver uma teoria hegeliana-marxista do romance com certa quantidade de bagagem conceitual não apenas da filosofia alemã e da teoria literária, mas dos estudos literários de Leningrado. E é essa convergência que dá origem a trabalhos como o

⁴⁷ I.G. Frank-Kamenetskii, “K voprosu o razvitii poeticheskoi metafory,” *Sovetskoe iazykoznanie* 1, 1935, pp.5–145; O.M. Freidenberg, *Poetika siuzheta i zhanra. Period antichnoi literatury* (Leningrad Giz, 1936).

⁴⁸ Sobre Bakhtin e Freidenberg, ver Moss, 1984, p.150–91; Osovskii, 2000; Perlina, 2002, p.249–62.

⁴⁹ N. T.: O texto de Zhirmunskii (1936) está em russo. Na versão em inglês: “one of the most significant achievements of Soviet scientific thought” (ZHIRMUNSKII, 1936, p.383).

⁵⁰ Ver, principalmente, Tihanov, 2000.

ensaio sobre o cronotopo (1975 [1981]; 1981 [1938])⁵¹, o livro sobre Rabelais (1965; 1984 [1965])⁵² e o ensaio sobre epos e romance (1975 [1940]; 1981 [1940])⁵³. O que Bakhtin faz agora é aplicar os modos de analisar estruturas de enredo e metáforas que antes tinham sido aplicados aos mitos, ao folclore e à literatura antiga (incluindo, na obra de Freidenberg (1930), o antigo romance grego) ao romance moderno europeu, mostrando fenômenos estruturais que transcendiam as literaturas nacionais, que aparecem, porém, em tempos diferentes e de formas específicas de acordo com as correspondentes, ou ao menos análogas, formações sociais. Assim, Dante e Dostoiévski apresentam estruturas espaço-temporais análogas, dando surgimento às mesmas oposições binárias de espaço e tempo que resultam em cronotopos como a estrada, o limiar, a escada, e assim por diante, que estruturam enredos em variados pontos ao longo da história da literatura narrativa.

Esse movimento no pensamento soviético, em consequência, constitui-se numa tendência que tem sido muito pouco discutida e avaliada, que contribuiu para a síntese que foi o trabalho de Bakhtin⁵⁴. A narrativa da liberação gradual do pensamento mítico em direção à ciência, pontuada por transformações qualitativas, é uma narrativa especificamente positivista, retificada, enriquecida e revisada em concordância com as preocupações de uma tendência particular do pensamento soviético sobre o lugar da literatura na “transformação” da cultura. Ainda que a obra de Bakhtin mantenha suas conexões com o Romantismo, nele temos não apenas uma liberação gradual do mito, mas a noção de que o próprio mito pode ser revisto para propósitos de esclarecimento. Os românticos tinham defendido que os primeiros homens tinham estado em harmonia consigo mesmos, com a natureza e com outros, mas que essa harmonia primal tinha sido natural e não dependia dos próprios esforços do homem. O mesmo aspecto de unidade no mito permeia a teoria cultural marxista. No esquema romântico, essa harmonia tinha

⁵¹ N. T.: Para a publicação em português, ver: BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica). In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6 ed. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et. al. São Paulo: Hucitec, 2010, p.211-362.

⁵² N. T.: Para a publicação em português, ver: BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7 ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

⁵³ N. T.: Para a publicação em português, ver: BAKHTIN, M. Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance). In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6 ed. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et. al. São Paulo: Hucitec, 2010, p.397-428.

⁵⁴ Talvez seja mais preciso ver a obra de Bakhtin como oscilando entre uma síntese bem sucedida de tendências intelectuais que preexistiam e uma síncrese intrigante nos pontos em que a incompatibilidade com elas é revelada.

sido rompida pela civilização, com o homem alienado dos outros como resultado da competição da sociedade civil, e dividido internamente como resultado da divisão do trabalho. O homem tinha sido separado da natureza depois que a ciência a tinha desmistificado, fazendo-a objeto para ser dominado. No esquema marxista essa destruição da unidade social e ideológica está correlacionada com o crescimento de certas formas da economia que fundamentam as formações sociais. Para ambos, românticos e marxistas, a tarefa do homem moderno é recriar aquela unidade na base de uma autoconsciência e nível racional que uma vez tinha sido dada aos primeiros homens e à natureza num nível ingênuo e intuitivo. Agora, para Bakhtin, a revisitação periódica das séries semânticas primitivas e da unidade mítica do romance pode inspirar a criação de uma autoconsciência e de uma unidade racional.

O que está faltando no relato de Bakhtin, porém, é alguma consideração sobre o que produz novos contextos para além do trabalho da literatura, e sobre como as formas culturais estão inseridas neles, embora irredutíveis a estruturas sociais e, enfim, naturais. De fato, tais análises são descartadas *a priori* pela adesão de Bakhtin aos princípios do neokantismo, que requeria formas culturais para serem tratadas como fenômenos *sui generis*. Em vez de buscar análises das relações complexas, multifacetadas e dinâmicas entre formas literárias e formas sociais mais amplas, mediadas, *inter alia*, pelas formas institucionais dentro das quais a literatura é produzida e recebida, em sua obra temos apenas acenos em direção a correspondências superficiais, tais como entre a rígida hierarquia do estado czarista e a arquitetônica sincrônica do romance de Dostoiévski. O que está faltando é a economia, um senso de que a forma de produção que predomina numa sociedade constitui uma “iluminação universal em que todas as demais cores estão imersas e que as modifica em sua particularidade” (MARX, 2011, p.59⁵⁵). Dessa forma, Bakhtin recorre ao trabalho de intelectuais como Frank-Kamenetski, cuja obra presumia uma laço inseparável (*uviazka*) entre as primeiras formas de cultura verbal e material, mas destaca tais observações de suas raízes na antropologia materialista⁵⁶. Isso

⁵⁵N. T.: MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

⁵⁶ Frank-Kamenetski até traçou um programa de pesquisa com Freidenberg e outros no IIaM para estabelecer um campo distinto chamado “*desmotics*” (*desmotika*, do grego *desmo*, significando “vínculo” ou “cadeia”), que iria fazer a ligação entre o discurso e a cultura material como seu objeto (PFA RAN 853/1/86/16–17). Um dos poucos trabalhos resultado desse projeto é o de Frank-Kamenetski, 1935c, mas seguramente se pode considerar o trabalho de Megrelidze’s, 2007 [1938] como produto da mesma tendência.

permitiu a transposição de certas categorias para facilitar análises da era moderna, mas a um tal grau de abstração que conceitos como carnaval e cronotopo perderam muito de sua força crítica em consequência de sua abertura para uma aplicação bastante arbitrária. Essas categorias precisam ser fundadas novamente e cuidadosamente circunscritas se quiserem ser postas à prova como instrumentos analíticos. Mas também é necessário reconhecer que a transposição para a análise de fenômenos culturais dos tempos modernos exige uma consideração cuidadosa das formas institucionais produzidas e recebidas. Isso significa compreender as proposições sobre as quais as categorias de Bakhtin estão baseadas e, se desejamos utilizá-las em trabalhos sobre os fenômenos culturais modernos, ir além delas, revendo-as e desenvolvendo-as de acordo com as pré-condições sociais e econômicas desses fenômenos.

REFERÊNCIAS

- ALPATOV, V. M. *Istoriia odnogo mifa: Marr i marrizm*. Moscow: URSS, 2004.
- BACKHAUS, J. (ed.). *Karl Bücher: Theory-History-Anthropology-Non Market Economies*. Marburg: Metropolis, 2000.
- BACHTIN, N. Tolstoy's War and Peace. In *Lectures and Essays*. Birmingham: University of Birmingham, 1963, pp.23–33.
- BAKHTIN, M. M. *Problemy tvorchestva Dostoevskogo*. Leningrad: Priboi, 1929.
- _____. *Tvorchestvo Fransua Rable i narodnaia kul'tura srednevekov'ia i Rennansa*. Moscow: Khudozhestvennaia Literatura, 1965.
- _____. *Formy vremeny i khronotopa v romane*. In *Voprosy literatury i estetiki*. Moscow: Khudozhestvennaia Literatura, 1975 [1938], pp.234–407.
- _____. *Epos i roman*. In *Voprosy literatury i estetiki*. Moscow: Khudozhestvennaia Literatura, 1975 [1940], pp.447–83.
- _____. *Forms of Time and of the Chronotope in the Novel*. In: BAKHTIN, M. M. *The Dialogic Imagination: Four Essays by M. M. Bakhtin*. Edited by Michael Holquist; translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981 [1938]. pp.84-258.
- _____. *Epic and Novel: Toward a Methodology for the Study of the Novel*. In BAKHTIN, M. *The Dialogic Imagination: Four Essays by M. M. Bakhtin*. Edited by Michael Holquist; translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981 [1940]. pp.3-40.
- _____. *Rabelais and his World*. Translated by Helene Iswolsky. Cambridge, MA: M.I.T. Press, 1968 [1965].
- _____. *Author and Hero in Aesthetic Activity*. In: BAKHTIN, M. M. *Art and Answerability: Early Philosophical Essays*. Translated by Vadim Liapunov. Edited by Bakhtiniana, São Paulo, 11 (1): 18-41, Jan./Abril. 2015.

Michael Holquist and Vadim Liapunov. Austin, TX: University of Texas Press, 1990 [1924–1927]. pp.4-256.

_____. *Toward a Philosophy of the Act*. Translation and notes by Vadim Liapunov. Austin, TX: University of Texas Press, 1993[1921–1924].

_____. *Lektsii po istorii zarubezhnoi literatury*. Saransk: Izd. Mordovskogo universiteta, 1999.

_____. K filosofii postupka. In *Sobranie sochinenii* t.1. Moscow: Iazyki slavianskoi kul'tury, 2003 [1921–24], pp.7–68.

_____. Avtor i geroi v esteticheskoi deiatel'nosti. In *Sobranie sochinenii* t.1. Moscow: Iazyki slavianskoi kul'tury, 2003 [1923–27], pp.69–263.

BEISER, F. C. *The Romantic Imperative: The Concept of Early German Romanticism*. Cambridge Mass.: Harvard University Press, 2003.

BELINSKY, V. Thoughts and Notes on Russian Literature. In R.E. Matlaw, ed., *Belinsky, Chernyshevsky and Dobrolyubov: Selected Criticism*. New York: Dutton, 1962, pp.3–32.

BIUKHER, K. (Bücher, Karl). *Rabota i ritm*. Moscow: Novaia Moskva, 1923.

BRANDIST, C. Neo-Kantianism in Cultural Theory: Bakhtin, Derrida and Foucault, *Radical Philosophy*, 2000, pp.102:6–16.

_____. Mikhail Bakhtin and Early Soviet Sociolinguistics. In *Proceedings of the Eleventh International Bakhtin Conference*. Universidade Federal do Paraná: Curitiba (Brazil), 2003, pp.145–153. Available at: <http://eprints.whiterose.ac.uk/archive/00001115/>

_____. The Bakhtin Circle and Research on Language and Literature in Leningrad Institutions: the view from the archives. *Proceedings of the XII International Bakhtin Conference*, Jyväskylä, 2006a, pp.144–56. Available at: <http://eprints.whiterose.ac.uk/2134/>

_____. The Place of ILIaZV in the Development of the Ideas of the Bakhtin Circle. In Vasilii Shchukin, ed. *Bakhtin, Evropa, vek dvadtsatyi. Sbornik statei*, Cracow: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, 2006b, pp.73–84.

BRENTANO, F. *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis*. Leipzig: Duncker and Humblot. 1889.

COMTE, A. *The Positive Philosophy*. New York: AMS, 1973 [1855].

DESNITSKAIA, A. Ob antimarksistskoi teorii proiskhozhdeniia iazyka. In V.Vinogradov et al., eds), *Protiv vul'garizatsii izvrashcheniia marksizma v iazykoznanii*. Moscow: AN SSSR, vol.1, 1951, pp.26–59.

DESNITSKII, V. A.N. Veselovskii v russkom literaturovedenii. *Izvestiia akademii nauk SSSR, otделение obshchestvennykh nauk*, 4: 67–84, 1938.

DORSON, R. M. *The British Folklorists: A History*. London: Routledge and Kegan Paul, 1968.

DUVAKIN, V. *Besedy V. D. Duvakina s M. M. Bakhtinym*. Moscow: Progress, 1996.

- ENGEL'GARDT, B. *Aleksandr Nikolaevich Veselovskii*. Petrograd: Kolos, 1924.
- FRANK-KAMENETSKII, I. G. Gruzinskaia parallel' k drevneegipetskoii povesti "O dvukh brat'iax." *Iafeticheskii sbornik*. IV, 1925, pp.39–71.
- _____. Pervobytnoe myshlenie v svete iafeticheskoi teorii i filosofii', *Iazyk i literatura* 3:70–155, 1929.
- _____. Akademik N.Ia. Marr, *Front nauki i tekhniki* 1:109–14, 1935a.
- _____. K voprosu o razvitii poeticheskoi metafory, *Sovetskoe iazykoznanie* 1:5–145, 1935b.
- _____. K kosmecheskoi semantike "kamnia" i "metalla." In *Akademiia nauk Akademiku N.Ia. Marru*. Moscow and Leningrad: Izd. AN SSSR, 1935c, pp.573–82.
- FREIDENBERG, O. M. Evangelie-odin iz vidov grecheskogo romana, *Ateist* 59:371–84, 1930.
- _____. *Poetika siuzheta i zhanra. Period antichnoi literatury*. Leningrad: Giz, 1936.
- HODGEN, M. T. The Doctrine of Survivals: The History of an Idea, *American Anthropologist*, 33(3):307–24, 1931.
- _____. Survivals and Social Origins: The Pioneers. *American Journal of Sociology*. 38(4):583–94, 1933.
- IRWIN, W. A. The Significance of Julius Wellhausen. *Journal of Bible and Religion*, 12 (3):160–173, 1944.
- LÄHTEENMÄKI, M. and N. Retseptsiia "novogo ucheniia o iazyke" N.Ia.Marra v rabotakh V.N. Voloshinova: iskrennost' ili kon'iuktura?, *Russian Linguistics* 29 (1):71–94, 2005.
- LANG, A. *Myth, Ritual and Religion*. London: Longman, Green and co, 1899.
- _____. *Custom and Myth*. London: Longmans, Green and co. 1904 [1884].
- LÉVY-BRUHL, L. *How Natives Think*. London: Allen and Unwin, 1926.
- LEVI-BRIUL, L. (LÉVY-BRUHL, L.). *Pervobytnoe myshlenie*. Moscow: Ateist, 1930.
- MARR, N. I. (ed.). *Tristan i izol'da*. Leningrad: Akademiia nauk SSSR, 1932.
- _____. Avtobiografiia N. Ia. Marra, *Problemy istorii dokapitalisticheskikh obshchestv* 3–4:126–30, 1935.
- MARX, K. *Grundrisse: Introduction to the Critique of Political Economy*. Harmondsworth: Penguin, 1973.
- MEDVEDEV, I. P. Nas bylo mnogo na chelne. *Dialog. Karnaval. Khronotop* 1: 89–108, 1992.
- MEGRELIDZE, K. R. *Osnovnye problem sotsiologii myshleniia*. Moscow: URSS, 2007 [1938].
- MEYER-KALKUS, R. Work, Rhythm, Dance: Prerequisites for a Kinaesthetics of Media and Arts. In John Michael Krois et al. eds. *Embodiment in Cognition and Culture*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2007, pp.165–82.

- MOMIGLIANO, A. Religious History Without Frontiers: J. Wellhausen, U. Wilamowitz, and E. Schwartz. *History and Theory*, 21(4):49–64, 1982.
- MONTENYOHL, E. L. Andrew Lang's Contributions to English Folk Narrative Scholarship: A Reevaluation. *Western Folklore* 47(4): 269–284, 1988.
- MOSS, K. *Olga Mikhailovna Freidenberg: Soviet Mythologist in a Soviet Context*. Unpublished PhD Dissertation: Cornell University, 1984.
- NOIRÉ, L. *Das Werkzeug und seine Bedeutung für die Entwicklungsgeschichte der Menschheit*. Mainz: Diemer, 1880.
- _____. *The Origin and Philosophy of Language*. Chicago and London: Open Court, 1917.
- NUARE, L. (NOIRÉ, L.). *Orudie truda i ego znachenie v istorii razvitiia chelovechestva*. Kiev: Gosizdat, 1925.
- OSOVSII, O. Iz sovetskikh rabot bol'shuiu tsennost' imeet kniga O. Freidenberga: Bakhtinskii marginalii na stranitsakh *Poetiki siuzheta i zhanra*. In MAKHLIN, V. ed. *Bakhtinskii sbornik IV*, Saransk: MGPI, 2000, pp.128–34.
- PERLINA, N. *Ol'ga Freidenberg's Works and Days*. Bloomington: Slavica, 2002.
- PLOTNIKOV, I. S., ed. *Rol' orudiia v razvitiia cheloveka*. Leningrad: Priboi, 1925.
- PODOL', R. Ia. *Teoriia istoricheskogo protsessa v russkoi istoriosofii pervoi treti XX veka*. Moscow: Nauka, 2008.
- POOLE, B. From Phenomenology to Dialogue: Max Scheler's Phenomenological Tradition and Mikhail Bakhtin's Development From *Towards a Philosophy of the Act* to His Study of Dostoevsky. In HIRSCHKOP, K. and SHEPHERD, D. eds. *Bakhtin and Cultural Theory*. (2nd edition) Manchester: Manchester University Press, 2001, pp.09–35.
- POPOVA, I. "Leksicheskii karnaval" Fransua Rable: kniga M.M. Bakhtina i franko-nemetskie metodologicheskie spory 1910–1920-kh godov. *Novoe Literaturnoe obozrenie* 79, 86–100, 2006.
- ROSE, G. *Hegel Contra Sociology*. London: Athlone, 1981.
- SCHMAUS, W. A Reappraisal of Comte's Three-State Law. *History and Theory*, 21(2), 248–266, 1982.
- _____. Levy-Bruhl, Durkheim, and the Positivist Roots of the Sociology of Knowledge. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 32(4):424–40, 1996.
- SERIOT, P. (ed.) *Un paradigme perdu: la linguistique marriste (Cahiers de l'ISL, 20)*. 2005.
- SPENCER, H. *First Principles*. (Second edition) London: Williams and Norgate, 1867.
- _____. *Principles of Sociology*. (Third edition) London: Williams and Norgate, 1904.
- STOCKING, G. W. *Victorian Anthropology*. New York: Free Press, 1987.
- _____. *After Tylor: British Social Anthropology 1888–1951*. London: Athelone, 1995.

TENBRUCH, F. H. Max Weber and Eduard Meyer. In W. J. Mommsen and J. Osterhammel (eds.). *Max Weber and His Contemporaries*. London: Unwin Hyman, 234–67, 1987.

THOMAS, L. *The Linguistic Theories of N. Ja. Marr*. Berkeley: University of California Press, 1957.

TIHANOV, G. Bakhtin, Lukács and German Romanticism: The Case of Epic and Irony. In ADLAM, C. et al. eds. *Face to Face: Bakhtin in Russia and the West*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, pp.273–98.

_____. *The Master and the Slave: Lukács, Bakhtin, and the Ideas of Their Time*. Oxford: Clarendon Press, 2000.

TYLOR, E. *Primitive Culture*. London: J. Murray, 1871.

VAL'TSEL', O. (Walzel, Oskar). Khudozhestvennaia forma v proizvedeniakh Gete i nemetskikh romantikov. In V.M. Zhirmunskii, ed. *Problema literaturnoi formy*. Leningrad: Academia, 1928, pp.105–34.

VELGAUZEN, I. (Wellhausen, Julius). *Vvedenie v istoriiu Izrailia*. St. Petersburg: Piriada, 1909.

VELMEZOVA, E. *Les lois du sens: la sémantique marriste*. Bern et al: Peter Lang, 2007.

VESELOVSKII, A. O metode i zadachakh istorii literatury kak nauki. In *Istoricheskaiia poetika*. Moscow: URSS, 2004 [1870], pp.41–52.

_____. Tri glavy iz istoricheskoi poetiki. In *Istoricheskaiia poetika*. Moscow: URSS, 2004 [1899], pp.200–382.

VOLOSHINOV, V. N. An Essay in Sociological Poetics, *Russian Literature*, LXIII-2–4, 190–5, 2008.

WELLHAUSEN, J. *Prolegomena zur Geschichte Israels*. Berlin, 1883.

_____. *Prolegomena to the History of Israel, with a Reprint of the Article "Israel" from the Encyclopaedia Britannica*. Edinburgh: Adam and Charles Black, 1885.

WIKGREN, A. Wellhausen on the Synoptic Gospels: A Centenary Appraisal. *Journal of Bible and Religion*, 12(3):174–18, 1944.

ZHIRMUNSKII, V. M. Sravnitel'noe literaturovedenie i problema literaturnykh vliianii. *Izvestiia akademii nauk SSSR, otdelenie obshchestvennykh nauk* 3, 383–403, 1936.

_____. Istoricheskaiia poetika A.N. Veselovskogo. *Izvestiia akademii nauk SSSR: Otdelenie obshchestvennykh nauk* 4, 43–65, 1938.

_____. Istoricheskaiia poetika A.N. Veselovskogo i ee istochniki. *Zapiski LGU* 45, 3–19, 1939.

Traduzido por Bruna Lopes-Dugnani – blopesdugnani@gmail.com
e Maria Helena Cruz Pistori – mhcpist@uol.com.br

Recebido em 18/09/2015

Aprovado em 06/11/2015